

Estágio Supervisionado em Música no contexto do Ensino Remoto: reflexões a partir das experiências formativas

GTE 12 - Ensino de música nas escolas de educação básica

Comunicação

*João Paulo Farias Nery
Universidade de Brasília (UnB)
joaopaulofarias_1234@hotmail.com*

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar dados experienciais sobre a formação de professores de música ao decorrer das reflexões e propostas discutidas na disciplina de estágio supervisionado do curso de licenciatura em música, na modalidade de ensino remoto emergencial. As propostas e reflexões surgiram da necessidade de medidas educacionais não-presenciais em função da Pandemia por Covid-19, responsável pela suspensão do calendário de atividades da Universidade de Brasília. O desenredo deste trabalho, parte da experiência e crença pessoal considerando o papel docente, fundamentado em concepções sobre função docente, conceitos sobre experiências, evasão escolar, relação professor-aluno e uso de tecnologias como ferramenta metodológica no contexto escolar. As reflexões trazem à tona a utilidade de experiências colaborativas durante a formação do professor de música na atualidade.

Palavras-chave: estágio supervisionado, ensino remoto, aprendizagem colaborativa.

Introdução

O processo evolutivo da educação musical brasileira tem se mostrado aberto às possibilidades e uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), destacando a necessidade de sairmos da nossa “zona de conforto”, para atender novas demandas de nossa sociedade (CERNEV, 2017; 2018; ARALDI, 2013). Com a realidade trazida pelo Ensino Remoto Emergencial (ERE), os processos de ensino e aprendizagem online obtiveram um crescimento exponencial, sendo necessária adaptações em todas as áreas do conhecimento, inclusive na própria modalidade da Educação a Distância (EAD) que estava mais “adaptada” a este contexto.

Por conta do grande poder de propagação do vírus SARS-CoV-2, fomos obrigados a adotar medidas de distanciamento e isolamento social, na tentativa de frear a velocidade de contágio e uma alta taxa de mortalidade. As medidas restritivas foram tomadas com base em decretos federais e estaduais. Assim, as instituições de ensino precisaram se reinventar

para encarar a nova realidade, planejando ações para que a educação não parasse e tivesse um sentido para a formação de nossos alunos.

No ensino superior, mais especificamente na Universidade de Brasília, os cursos de licenciatura em música e bacharelado precisaram ser revistos, repensados e reconfigurados, buscando soluções tanto para os cursos presenciais que migraram para o Ensino Remoto Emergencial (ERE), como no curso de licenciatura que atua Educação a Distância (EAD). Na modalidade remota, o foco esteve em criar caminhos, possibilidades, perspectivas e ações pedagógicas que fizessem sentido ao fazer musical que ora estava no presencial, para ações mediadas pelas ferramentas tecnológicas. Na modalidade EAD, a ausência dos encontros presenciais nos polos que a Instituição atua (Rio Branco/AC; Alexânia e Anápolis/GO; Palmas/TO e Franca/SP) tiveram que ser supridas com novas metodologias de ensino, voltadas às metodologias ativas e a realização maior de encontros síncronos virtuais (videoconferências).

No que tange à formação de professores nos estágios supervisionados em música para o contexto da educação básica, a mediação tecnológica e a parceria com o campo de atuação também foram repensados e ressignificados, buscando, através do fazer musical, trazer novos sentidos para as aulas de música nesse contexto, de acordo com as realidades próprias das escolas de nossa cidade (com pouquíssimo acesso às tecnologias educacionais, ausência ou pouca possibilidade do uso de ferramentas de mediação tecnológica como internet, além das dificuldades socioeducacionais familiares que ficaram expostas e latentes).

Mediante ao que foi exposto, tenho como intuito principal, neste texto, compartilhar minhas experiências e impressões com a realização do estágio supervisionado em música em parceria com a Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), atuando em uma escola localizada na divisa entre o Distrito Federal (DF) e o estado de Goiás, no Centro de Ensino Fundamental Jataí (CEF Jataí). Tais situações trouxeram reflexões sobre como as aulas de música podem trazer, a partir de um processo colaborativo, caminhos para se pensar em metodologias ativas para as aulas de música integrando conhecimentos musicais e tecnológicos, diminuindo os distanciamentos entre Universidade e Escola.

A realidade das aulas de música no estágio supervisionado do ensino superior

No contexto do ERE, as aulas de estágio supervisionado realizadas na minha turma de estágio¹ tiveram encontros realizados sincronicamente por meio da plataforma de webconferências *Teams*. A partir das discussões colaborativas, chegamos ao consenso de viabilizarmos uma proposta de estágio com alunos do ensino fundamental II, junto à disciplina de Artes no CEF Jataí. O projeto, denominado por nós de “Música na Escola”, foi oriundo de uma produção coletiva contando com onze estagiários. Para o contexto do campo empírico, cada estagiário ficou concentrado em acompanhar uma turma, apontando as dificuldades de acesso, aprendizagem e também conhecendo e auxiliando no processo musical formativo. Para atender as dificuldades de envolvimento por conta do isolamento e distanciamento social, decidimos que a produção e construção das nossas ações seriam realizadas a partir da elaboração de episódios musicais em formato de *podcast*.

De acordo com Llinares, Fox e Barry (2018), o *podcast* apresenta uma nova forma de otimizar o ensino associando habilidades e potencialidades tecnológicas, pois envolve o desenvolvimento de diferentes assuntos de forma criativa, oportunizando reflexões além de apresentar resultados sociais e culturais positivos para seus consumidores. A versatilidade, intimidade e facilidade da produção de *podcast* mediada pelas tecnologias digitais na atualidade, com ferramentas gratuitas e de fácil edição, tornam o uso do *podcast* — tanto para quem produz quanto para quem consome — uma tecnologia ativa para ser desenvolvida em contextos educacionais flexíveis.

A ideia do *podcast* veio à tona por termos levado em conta a realidade dos alunos. A escola fica localizada em uma região rural do DF e os estudantes quando tinham acesso a internet era por meio de um pacote de dados oferecido pela SEEDF. Esta nova realidade só amplificou os problemas sociais que já tínhamos, tanto da parte dos docentes como dos discentes. A tarefa de ensinar se complicou durante o período de estágio, porque o contato com o estudante se deu de maneira indireta. Muitas vezes me senti como um professor catedrático que conduz o ser sem luz a encontrar luz (ROLDÃO, 2007). Por outro lado, consegui manter o foco da aprendizagem no aluno, sempre levando em consideração a

¹ Este estágio foi realizado de forma multisseral com o tema tecnologias digitais para escola, sob orientação da profa. Dra. Francine Kemmer Cernev. Participaram deste projeto 11 estagiários, a professora da Universidade de Brasília e o professor do CEF Jataí, numa proposta colaborativa.

realidade em que nos encontrávamos, respeitando as diferenças individuais, os diferentes ritmos de aprendizagem bem como a ênfase na diversificação metodológica (SAVIANI, 1999).

Após a reflexão com a professora e o grupo de estagiários, decidimos que realizaríamos *podcasts* sobre temas diversos que envolvem o ensino e conhecimento em música. Tal proposta era inédita nos estágios da UnB até então, já que as demais turmas de estágio estavam envolvidas nas produções de videoaulas. Além de termos decidido produzir nesse formato, foi combinado que seria um projeto colaborativo e por isso quase todos os estagiários da turma foram designados para uma só escola. Neste contexto pedagógico, a aprendizagem colaborativa teve vantagens sobre a individualizada (COUTINHO; JUNIOR, 2007). Em um espectro amplo de análise, o projeto teve como objetivo o uso do *podcast* na educação pública como forma de contribuir para a formação de alunos mais críticos e reflexivos.

A opção de produzir *podcast* — e não videoaulas como as demais turmas de estágios da UnB — partiu da necessidade de pensarmos em como viabilizar para os alunos do CEF Jataí o ensino de música com o mínimo de consumo de dados de internet. Para chegar mais próximo e trazer ludicidade neste formato, utilizamos as redes sociais para impulsionar a divulgação dos conteúdos expostos no formato digital, utilizando algumas postagens diárias na rede social *Instagram*, trazendo desafios e curiosidades complementares a cada tema proposto. Tendo em vista a situação emergencial para o ensino, tivemos que utilizar aplicativos de entretenimento para auxiliar no processo de aprendizagem. O intuito foi reforçar os conteúdos semanais com desafios e postagens para manter os alunos motivados, criando assim uma aproximação maior com a realidade deles. Afinal, porque o aprendizado não pode andar lado a lado com o que é ofertado para o lazer, trazendo, como consequência, a aprendizagem? (SILVA; FILHO; FREIRE, 2018).

A série contou com a produção de 8 *podcasts* e foi batizada com o título “Música na Escola”. Os conteúdos de cada um dos episódios foram ligados aos temas propostos a partir do plano de ensino desenvolvido pelo professor de Artes do CEF Jataí, Sady Carmo. Os episódios foram inspirados e geraram os seguintes temas: Parâmetros do Som (Ep. 1); Composição e Arranjo (Ep. 2); Choro em Brasília e a importância da tecnologia para a gravação musical (Ep. 3); Gênero, ritmo, estilo e saudade (Ep. 4); Vozes (Ep. 5); Orquestra (Ep. 6); O que conquistamos com a música? (Ep. 7) e Aspectos da Apreciação Musical (Ep. 8). Ao longo do processo, tivemos muitos aprendizados que gerou um episódio extra (Ep. 9:

Estágio em Música: produção dos *podcasts*); sobre as impressões e experiências alcançadas com o projeto, que irei me aprofundar no próximo tópico. Todos os episódios foram disponibilizados na plataforma de *streaming Spotify*².

A produção do *podcast* foi realizada de maneira colaborativa; assim as tarefas foram designadas de acordo com as aptidões dos estagiários. Cada estagiário participou da gravação autoral de dois *podcasts*, além de todos participarem juntos das concepções, edições e análise do material produzido. O processo de gravação era roteirizado pelos integrantes de cada episódio. Além disso, era definido previamente um “host” para conduzir o episódio sempre trazendo possíveis questionamentos dos alunos. Depois de muito testar diversos aplicativos e programas de gravação, chegamos em um consenso de utilizar o *Discord*, uma plataforma gratuita normalmente usada para *games*, por sua baixa latência. Através deste aplicativo foi possível gravar cada participante de maneira independente, já facilitando o processo de edição do estagiário responsável. Como o *Discord* grava em canais separados cada áudio, seu uso facilitou o processo de mixagem e masterização. Feito isto, era realizado o *upload* no *Anchor*, e posteriormente no *Spotify*.

O professor do campo de estágio utilizava os episódios gerados por nós como conteúdo para iniciar ou finalizar suas aulas (todas de forma assíncrona). Cada grupo de estagiários responsáveis por um episódio do *podcast* tinha por objetivo acompanhar a aprendizagem dos estudantes através de questionários feitos por meio do *Google Forms* (disponibilizados pela secretaria de educação a todos os alunos da rede de ensino do DF), com questões acerca do determinado episódio.

Experiências e reflexões sobre a formação docente no contexto remoto

A experiência é, para cada indivíduo, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida (BONDÍA, 2002). Assim sendo, gostaria de compartilhar minhas impressões ao decorrer do estágio. Uma grande dificuldade desde que o projeto foi aceito na escola, foi ajudar os professores, coordenadores e os demais funcionários do CEF Jataí a fazerem os estudantes alcançarem um índice razoável de participação. Numa reunião de conselho com alunos, professores, estagiários e responsáveis, o coordenador relatou sobre o alto índice de evasão escolar e a falta de interesse que eles desenvolveram por conta do ERE. Aquele ano

² Para conhecer a série de *podcasts* produzidos colaborativamente, acesse: [Música na Escola](#).

não foi fácil para ninguém, mas o coordenador citou a falta de interesse dos alunos ligados às informações apresentadas pelo governo estadual de que 'todos os alunos serão aprovados em 2020'.

O fracasso escolar e a evasão, considerado o “maior sintoma da crise de nossas escolas”, é concebido por muitos, como fracasso do aluno ou por vezes, a condições exteriores à escola, à desigualdade e perversidades sociais e à “lógica de exclusão” (AQUINO, 1997, p. 21). Por certo, esses fatores têm um peso considerável no processo, mas a influência de certas redes de notícias e até do governo em âmbito federal e distrital, tem prejudicado bastante o desenvolvimento dos alunos neste ano, levando em consideração, claro, que quase nada neste atual governo possui um planejamento sério, principalmente na área da educação. Por sorte, o Serviço de Orientação Educacional (SOE) do CEF Jataí trabalhou bastante mantendo os alunos ativos e estimulados.

As atividades no contexto do ensino público na esfera distrital foram em sua maioria desenvolvidas na plataforma de ensino *Google Classroom (GC)*. No entanto, nem todos tinham acesso à internet e assim esses alunos participaram das atividades com exercícios impressos, buscados semanalmente na escola. Esta é a realidade dos alunos de muitas escolas públicas, não só do DF, como em todo Brasil. Por conta da dificuldade de retorno deste material, irei concentrar minhas reflexões aos registros dos alunos realizados pela plataforma digital.

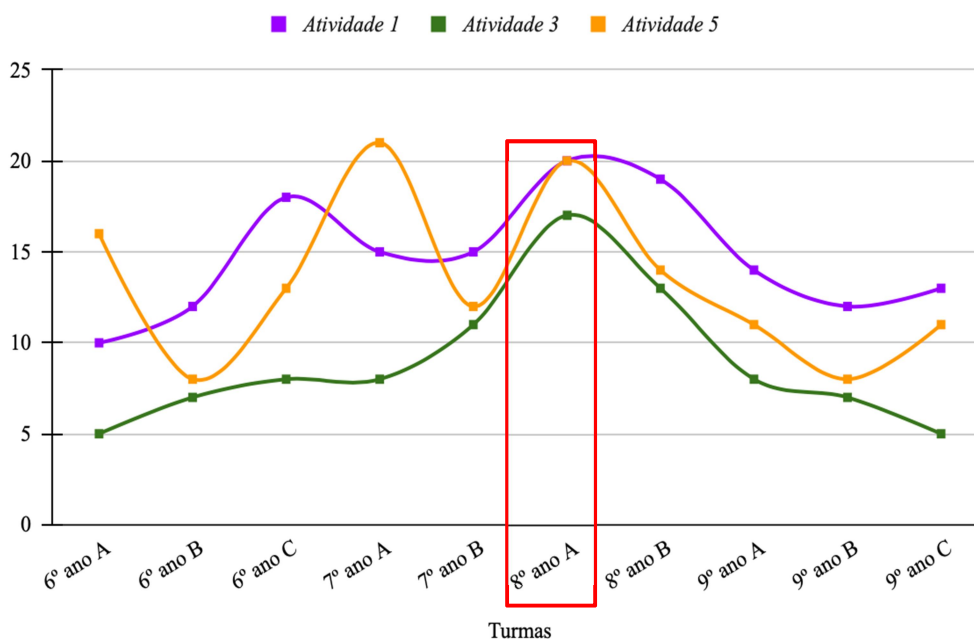
A turma na qual eu acompanhei foi o 8ªA, composta por 33 estudantes. Desses, 15% a 20% estavam utilizando material impresso (MI). Os demais alunos estavam cadastrados no CG, porém, nem todos participaram das atividades de Artes. Desde o início da minha atuação como estagiário junto à escola, acompanhei semanalmente os alunos e fiz várias reuniões com o professor de Artes, além de participar das ações gerais da escola (grupo de pais pelo aplicativo *WhatsApp*), reuniões pedagógicas virtuais, etc. Este acompanhamento foi importante para eu vivenciar todas as esferas que envolvem o processo educativo, formativo e social no campo empírico.

Em relação à participação e envolvimento dos estudantes para os conteúdos e aprendizagens referente às aulas de música, percebi que a participação dos alunos do 8ªA teve uma média de 18 alunos atuantes, sendo praticamente os mesmos em todas as atividades. Foram analisadas 3 atividades, as quais o professor do CEF Jataí utilizou como retorno avaliativo. As demais, como foram realizadas e utilizadas de forma complementar,

pouco ou nada foram concluídas pelos alunos, infelizmente. Esta constatação já mostra a dificuldade do ERE em populações menos favorecidas economicamente. As discussões trazidas junto ao grupo de estagiários com a orientadora, evidenciavam que os alunos, por terem pouco acesso à internet ou ter que realizá-los de noite, quando os pais voltam do trabalho (pois os celulares dos pais são muitas vezes as únicas fontes tecnológicas da família), realça as dificuldades e distanciamentos econômicos de nossa sociedade.

O gráfico 1 a seguir apresenta a curva de respostas e participação de todas as turmas do CEF Jataí envolvidas no Projeto “Música na Escola” com base nas participações destas três atividades. Especificamente na atividade n. 5, tivemos um pico de respostas atribuídas aos alunos do 7ºA. No entanto, essa frequência de participação e envolvimento não se manteve em relação às demais atividades. De fato, a turma que manteve maior envolvimento, realização de atividades e participação ativa nas redes sociais foi a turma do 8ºA, que eu atuei estagiando.

Gráfico 1: Participação dos estudantes nos questionários



Fonte: Dados do autor

Interessante destacar como os anos "transitórios" 6º ano e 9º ano tiveram pouca participação nas atividades, beirando cerca de cinco respostas por atividade. Talvez seja

injusto da minha parte analisar os motivos destas turmas terem tal desempenho, pois não fui estagiário delas e não sei quantas atividades foram realizadas no formato MI. Entretanto, na reunião de conselho de classe, os professores problematizaram a baixa adesão na participação das atividades de todas as disciplinas, principalmente nos 9º anos em um contexto geral. A informação da possibilidade de não reprovação dos alunos durante o ERE trouxe muitos desafios motivacionais para a gestão escolar, professores e também nós estagiários, trazendo essa discussão nas orientações sobre a formação de professores frente aos desafios causados pelas políticas públicas e falta de planejamento e apoio por parte de órgãos superiores.

A minha experiência pessoal, muitas vezes motivada pelo senso comum, me fez acreditar que não era possível o ensino de música e uma aprendizagem efetiva nesses formatos de ensino *online*, mas percebi com a experiência de estágio ser amplamente possível. Por ser minha primeira experiência de estágio supervisionado em música, desconhecia literaturas e propostas mediadas pelas TIC, inclusive trabalhos desenvolvidos por minha orientadora. Com essa experiência, percebi as potencialidades deste ensino e acredito que o aprendizado ocorreu, talvez não da mesma maneira que no formato presencial, porém tão significativa quanto (mesmo com as desvantagens econômicas e sociais que temos em nossa sociedade).

Tendo esclarecido sobre as experiências colaborativas, outro aspecto formativo impulsionado através deste estágio, foi a formação de liderança, característica muito importante no exercício da docência. Esta questão me fez sair da “zona de conforto” para aprender e desenvolver outras habilidades ao mesmo tempo que tinha a oportunidade de oferecer o que eu tinha de melhor para o desenvolvimento do grupo, com a formação colaborativa. Todas essas questões corroboraram para uma reflexão da minha parte, pois tinha a personalidade de não gostar de trabalhar em grupo e tive que ser colaborativo. Outra questão é que eu não gostava de escutar a minha própria voz e agora teria que gravar *podcasts*! O que de início pareceu um sufoco, foi se transformando em novas formas de pensar, agir e me formar enquanto futuro professor de música.

A questão que implica na formação de professores nos cursos de licenciatura também está em problematizar como as experiências adquiridas pelo ERE constroem e me constituem como professor de música. Sabemos que este período é emergencial e temos a esperança de voltar ao ensino presencial, mas a questão fica: qual será o novo cenário

educativo? Como as questões vividas e mediadas pelas TIC serão contempladas? Acredito que a colaboração, que temos desenvolvido como proposta teórica e metodológica (CERNEV, 2018) para o ensino de música trará novos espaços, perspectivas e caminhos para a formação docente.

Por mais que o ERE trouxe ao cenário educativo problematizações no campo social, educacional, econômico, sanitário e psicológico para toda a nossa sociedade, ações como essa que desenvolvemos no estágio supervisionado na Universidade de Brasília, com uma proposta colaborativa em que todos se ajudaram, se auxiliaram e construíram novas perspectivas e reflexões conjuntamente foram fundamentais para que este momento difícil trouxesse a crença do meu papel docente na atualidade. As discussões junto com o grupo e minha orientadora de estágio, fundamentados sobre função docente apresentada por Roldão (2007), conceitos sobre experiências trazidos por Bondía (2002), reflexões sobre a evasão escolar onde nos fundamentamos nas discussões de Aquino (1997) e a relação professor-aluno de Saviani (1999) e Freire (1996) revelaram a complexidade da formação docente na atualidade mas trouxeram caminhos para essa prática e minha formação como professor de música. Também, as discussões propiciadas pelo uso de tecnologias digitais livre como ferramenta metodológica abordados por Cernev (2017; 2018) e Llinares, Fox e Barry (2018) de forma problematizada e atual, ampliaram meus entendimentos e posicionamentos sobre tais usos para a música no contexto da educação musical.

Considerações finais

Na tentativa de criar novas possibilidades para os alunos, indiretamente criei novas possibilidades para mim, pois a experiência abriu novas portas de atuação profissional relacionada às TIC. Através delas pude criar um vínculo mais efetivo com os alunos, justamente por ser inicialmente cético quanto à utilidade delas com o fim educacional. Assim, fiz o possível e impossível para obter resultados satisfatórios. O resultado foi positivo, compreendi as potencialidades e rompi com as barreiras que tinha sobre as potencialidades educativas e pedagógicas no uso das tecnologias para o ensino de música.

Paulo Freire (1996) nos ensina que tanto professores como alunos, acabam assumindo-se como sujeitos da produção do saber. Desta forma, me convencendo definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a produção ou construção social do aluno (e isso mesmo que indiretamente), acredito

ter alcançado ao longo desses meses de estágio tanto a compreensão quanto o desenvolvimento de minha atuação nesse contexto formativo. O que eu levo de aprendizado comigo sobre essa experiência é de que o professor tem que ser um ser adaptativo e pronto para vencer qualquer barreira por mais inusitada que ela seja.

A experiência do estágio me deu uma maior confiança para arriscar em momentos de incertezas, pois na caminhada docente estarei colocando em prática as concepções, teorias, conteúdos, abordagens metodológicas e propostas pedagógicas de forma reflexiva desta experiência adquirida durante a formação docente. A prática no contexto do ERE, nesse sentido tornou-se indispensável, pois foi totalmente discutida e refletida nesse contexto. Aprendi e compreendi que não posso ficar estagnado no campo teórico esperando a “perfeição” do ambiente profissional se manifestar, até porque colocar em prática o aprendizado teórico e metodológico não é uma tarefa muito simples, mas se faz necessário para atingir uma construção profissional. Tudo isso requer muita reflexão, experiência e diálogo entre Universidade e Escola.

Referências

AQUINO, Júlio G. (Org.). *Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.

ARALDI, Juciane. Transformações tecnológicas e desafios na formação e atuação de professores de música. *Hipertextus Revista Digital*. v.11, 2013.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação* [online], n. 19, p.20-28, 2002.

CERNEV, Francine K. Ensino, Aprendizagem e Formação: o uso das mídias sociais pelos licenciandos de música. In: CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 11., 2017, Natal. *Anais... Natal: ISME/ABEM*, 2017.

CERNEV, Francine K. Aprendizagem musical colaborativa mediada pelas tecnologias digitais: uma perspectiva metodológica para o ensino de música. *Revista da Abem*, v. 16, n. 40, p. 23-40, 2018.

COUTINHO, Clara P.; JUNIOR, João Batista B. Podcast em educação: um contributo para o estado da arte. In: CONGRESO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÉS DE PSICOPEDAGOXÍA: LIBRO DE ACTAS., 2007. Coruña. *Anais... Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 2007. p. 837-846.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LLINHARES, Dario; FOX, Neil; BERRY, Richard. *Podcasting: New Aural Cultures and Digital Media*. London: Palgrave Macmillan, 2018.

ROLDÃO, Maria C. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. *Revista Brasileira de Educação* [online], v. 12, n. 34, p. 94-103, 2007.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. São Paulo: Autores Associados, 32ª edição, 1999.

SILVA, Carolina Moraes Ribeiro da; CASTRO FILHO, José Aires de; FREIRE, Raquel Santiago. Instagram e educação: a aprendizagem significativa de língua estrangeira em contextos não-formais de ensino. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, 7., 2018, Fortaleza. *Anais... Fortaleza: SBC*, 2018. p. 906-915.